



Fernanda Couto Skaf

Orientadora: Raquel Gryszczenko Alves Gomes

“Suas definições de nazismo foram atualizadas: mídias digitais, memória e disputas políticas no ensino de História”.

A presente pesquisa se propôs a analisar vídeos YouTube que definem o regime nazista como uma ideologia do espectro político de esquerda. Entendendo essas produções como manifestações de caráter negacionista, esse estudo se dedicou a explorar suas formas, conteúdos, propagação e alcance, tendo em vista o papel dessas plataformas nas disputas pela memória histórica e construção de conhecimentos que atendam a projetos políticos específicos. Por fim, a pesquisa teve por objetivo compreender a influência dessas mobilizações digitais no ensino história.

A partir dos anos 1990, o discurso negacionista passou a se beneficiar expressivamente com o surgimento da internet. Desde então as produções do movimento são diretamente acessíveis a todas as pessoas com conexão a rede de internet, em qualquer lugar e em diferentes línguas. Não somente o acesso foi facilitado, como a sua própria publicação e difusão também não enfrentam restrições. A falta de leis regulamentando os conteúdos no mundo digital, as diferentes plataformas e formatos, o fácil apagamento das publicações e a possibilidade de anonimato tornam o cenário ainda mais propício à disseminação das ideias negacionistas.

Foi destacado na pesquisa que essas produções contribuem para um conhecimento histórico desonesto e desqualificado. As fontes apresentadas nos vídeos são recortadas e

analisadas acriticamente; as citações e referências historiográficas são descontextualizadas; fazem apropriações enviesadas de historiografias; falsificam suas referências e manipularam intencionalmente os fatos. Por fim, seus autores desconsideram os critérios de construção científica dos saberes históricos.

A vista disso, movimento Negacionista, apesar de auto-intitular-se “revisionista”, despreza os métodos científicos próprios da disciplina. O termo “Revisionismo Histórico” refere-se às constantes mudanças das visões sobre o passado. A partir de diferentes metodologias, referenciais teóricos, contextos e análises no estudo de um mesmo objeto, alcançam-se diferentes questões, conclusões e resultados. Além disso, faz parte da função do historiador problematizar o passado e suas compreensões sob a luz de seu tempo em busca de soluções e novos caminhos.¹ Dessa maneira, a História é constantemente reescrita e reconfigurada, tornando-se sempre uma história do tempo presente. O Revisionismo Histórico configura-se, deste modo, como um fruto deste constante desenvolvimento historiográfico, capaz de indagar não apenas conceitos metodológicos da História e disciplinas afins, mas também de compreensões sobre os mais variados objetos e fatos.²

É importante destacar que as práticas do Revisionismo Histórico são associadas, quase sempre, ao rigor acadêmico e de produção científica. Elas preservam o compromisso metodológico e legítimo de construção de conhecimento histórico, garantindo a responsabilidade social do historiador em sua atuação.

Dessa forma, por se tratarem de distorções, falsificações e deturpações históricas, fica claro que o movimento Negacionista não pertence às práticas do Revisionismo Histórico, suas

¹ PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

² CALDEIRA NETO, Odilon. NEGACIONISMO E ANTI-SEMITISMO NOS TEXTOS DA REVISÃO EDITORA. **Literatura e Autoritarismo**: Dominação e Exclusão Social, Santa Maria, v. 11, n. 8, p. 2-157, jun. 2008. Semestral.

produções não apresentam nenhuma revisão histórica que não seja exclusivamente ideológica. Ao instituir tal termo, almejam se ver livres não só da carga pejorativa contida na palavra “negacionista”, mas também serem reconhecidos como historiadores.³

Apesar das fontes analisadas não negarem o Holocausto, minimizarem seus efeitos ou apresentarem uma perspectiva antissemita notória, essas produções se encaixam no gesto de revisão ideológica do nazismo e de desqualificação metodológica. Assim como produções negacionistas mais clássicas, elas apresentam a mesma narrativa de história secreta, de discurso originário da neutralidade, de negação dos fatos – o que chama atenção para as diferenças existentes no meio negacionista. Há análises que consideram que o Negacionismo seja uma forma atualizada de antissemitismo. Outras como um amálgama ideológico da extrema-direita contemporânea. Há aquelas que consideram o Negacionismo uma forma de mito político, o mito do complô (teoria da conspiração). Há, finalmente, aquelas análises que pensam o negacionismo como uma forma de pseudo-história.⁴

Pensando nessa pesquisa somente no caso brasileiro, entendo que o Negacionismo não se restringe somente ao Holocausto e ao Regime Nazista, — exemplo disso está nas inúmeras formas de negacionismo histórico presentes hoje no Brasil, como a negação da Ditadura Civil-Militar, a responsabilização do tráfico negreiro aos nativos africanos, as deturpações sobre o movimento feminista — ele se mostra como uma pseudo-história que tenta silenciar grupos minoritários, que ganham espaço nas políticas públicas nas últimas décadas, e isentar grupos conservadores e da direita de qualquer responsabilidade sobre as formas de repressão e violência que existiram — e existem— na história. Pierre Vidal-Naquet, crítico do

³ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O negacionismo do Holocausto na internet: o caso da “Metapédia – a enciclopédia alternativa”. **Faces da História**, Assis, v. 3, n. 1, p. 5-23, jun. 2016.

⁴ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O negacionismo do holocausto: pseudo-história e história pública. *Resgate*, Rio de Janeiro, v. , n. 28, p. 5-12, dez. 2014.

Negacionismo, define os negadores como “Assassinos da Memória”⁵; aqueles que, através de mentiras, promovem o apagamento das violências, abusos e perseguições sofridas através das mãos do Estado.

Por fim, ao longo dessa pesquisa, me deparei com a perspectiva de muitos historiadores contrários à precaução de reagir às mobilizações negacionistas. Muitos desses acreditam que responder ao movimento e às suas falácias é uma forma de dar credibilidade e validar seu conteúdo e sua forma de construção. Porém, acredito que a única forma de combater ideias anti-democráticas, discriminatórias, que promovem um conhecimento falso e silenciador, é falando sobre elas e demonstrando suas formas fraudulentas.

Com isso, não se pretende convencer os negacionistas de seus absurdos ou promover um debate com esses autores⁶, mas sim alcançar o público que se torna influenciado por suas ideias e demonstrar conteúdos legítimos sobre as temáticas históricas que foram postas em dúvida. Pensando principalmente na influência desses materiais na educação e no ensino de história, precisamos estar atentos aos que mais são afetados pela condução desses projetos políticos: os adolescentes. Através da análise dos vídeos feita durante a pesquisa, foi possível identificar que o principal público alvo dos negacionistas são os jovens em formação, justamente porque esses ainda não conseguem identificar com clareza as formas de falsificação e manipulação das questões históricas, além de consumirem maior quantidade de conteúdos nas mídias digitais e serem facilmente impressionáveis com suas manobras.

⁵ VIDAL-NAQUET, Pierre. Os Assassinos da Memória. O Revisionismo na História. Campinas, Papims, 1988.

⁶ Vidal-Naquet (1988) diz que os historiadores não devem participar de debates com autores negacionistas. Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os negacionistas, esse campo não existe. O historiador orienta que devemos discutir *sobre* os “revisionistas”; podemos analisar seus textos; podemos e devemos analisar o seu lugar específico na configuração das ideologias, questionar-nos sobre o porquê e como apareceram, mas não debater com seus autores.

É importante atentarmos que cada pessoa tem direito de se expressar livremente e de ter sua própria opinião. Contudo, não podemos afirmar que todas as opiniões são iguais e legítimas. Algumas delas são formadas com base em fatos, outras não. Quando falamos de pessoas que ocupam espaços de criação e mobilização de conhecimento, elas têm o direito de interpretar os fatos de formas distintas, mas não de conscientemente deturpá-los.

Além disso, seus objetivos não são genuinamente histórico-científicos, como querer saber e averiguar o que realmente ocorreu ou propor problemas ao nível da compreensão do Holocausto e das suas consequências. Seus objetivos são exclusivamente políticos. Por meio da responsabilização de uma das maiores tragédias contemporâneas aos ideais do espectro político de esquerda, eles querem ausentar a direita de qualquer responsabilidade histórica. Assim, em uma perspectiva maniqueísta, definir a direita como boa e necessária, e a esquerda como ruim e trágica. Afinal, se o Nazismo e os outros regimes totalitários foram fabricados pela esquerda, por que deveríamos continuar aceitando suas políticas na atualidade?